

## UMA VIDA, MUITAS BIOGRAFIAS: O CASO DE MONS. VÍTOR BATTISTELLA<sup>1</sup>

Breno A. Sponchiado<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente texto é uma reflexão em torno de uma questão surgida na elaboração da tese sobre a pessoa e a ação de Mons. Vítor Battistella, primeiro e por três décadas pároco de Frederico Westphalen. Discorre sobre o paradoxo em torno de sua figura e de sua atuação, constatado tanto em depoimentos orais como na historiografia: visto pela maioria como um “pai”, um “santo”, um homem de capacidades ímpares, um “herói”, desbravador, batalhador, clarividente... e, contrariamente, um grupo menor o tinha - e tem - como um padre que não tinha qualidades para ser um guia espiritual, como um caudilho metido em tudo, um politiqueiro, um dominador, um ditador. Analisa alguns casos de historiadores. Doutra parte, não é novidade que cada ponto-de-vista é a vista de um ponto. Mas, diante dos comentários tão desencontrados de testemunhas de fatos que envolviam o religioso, a interpelação que se impõe é: como podem pessoas de um mesmo grupo social (formação

---

<sup>1</sup> Reflexões a partir da tese “Mons. Vítor Battistella: padre e caudilho”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em dezembro de 2003, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor, sob a orientação da Prof. René Ernaini Gertz.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Ciências Humanas da URI – Campus de Frederico Westphalen.

Doutor em História pela PUC/RS. Docente da URI - Campus de Frederico Westphalen.

étnica, condição econômica, formação religiosa) portar-se de modos tão diferentes diante do padre, tido se não por todos, pela grande maioria, à época, como uma figura portadora de autoridade inquestionável, representante de Deus, conhecedor das verdades das quais depende a salvação eterna...? Sem pretensão de uma análise crítica apurada ou de polemizar, mas apenas para dar racionalidade a essas incongruências e potencializar sua superação, são sinalizadas algumas questões de ordem metodológica na área da historiografia, mormente no gênero biográfico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Monsenhor Vitor Battistella, historiografia, grupos sociais.

**ABSTRACT:** The present text is a reflection on an issued present in the elaboration of the thesis on the person and the action of Mons. Vitor Battistella, first and for three decades priest of Frederico Westphalen. It deals with the paradox around his figure and his performance, verified it as in verbal depositions as in the historiography: seen by the majority as a “father”, a “saint”, a man of unusual capacities, a “hero”, pioneer, struggler, sorcerer ... e, contradictorily, a minor group saw him- and sees him - as a priest who did not have qualities to be a spiritual guide, but as a nosy gaucho, a petty politician, a dominator, a dictator. It also analyzes some cases of historians. Nevertheless, it is not news that each point of view is a view in a point. But, before those so divergent commentaries about the facts that involved the religious man, the urged interpretation is this: how can people from the same social group (ethnic formation, economic condition, religious education) behave themselves so differently regarding the priest, who was seen, at that time, as a figure who held unquestionable authority, a representative of God, an expert of the truths from which the eternal salvation depends...? Without pretension of a refined critical analysis, but only to give rationality to the incongruence and to make potent its overcoming, some questions of methodological order in the area of the historiography are signaled, mainly those of the biographical type.

**KEY-WORDS:** Monsignor Vitor Battistella, historiography, groups

Desde quando começamos, de forma diletante, a fazer pesquisas históricas, em 1983, sobre o antigo município de Frederico Westphalen e da antiga paróquia de Barril<sup>3</sup>, na região do Alto Uruguai, no norte do Rio Grande do Sul, sobressaiu uma constante nos documentos e entrevistas: *a figura de Mons. Vítor Battistella*<sup>4</sup>. Essa onipresença se apresentava como um paradoxo: a maioria o via como um “pai”, um “santo”, um homem de capacidades ímpares, um “herói”, desbravador, batalhador, clarividente... Contrariamente, um grupo menor o tinha - e tem - como um padre que não tinha qualidades para ser um guia espiritual, como um caudilho metido em tudo, um politiquero, um dominador, um ditador, um extorquidor dos poucos recursos dos colonos para construir obras faraônicas...

Na primeira compreensão - da proeminência de Mons. Vítor - alinham-se os depoimentos de religiosos, de pessoas com destaque na sociedade (políticos, empresários, profissionais liberais), além das pessoas simples que viviam fora dos círculos do poder, sobressaindo as mulheres, donas de casa, as “beatas” que colocam o padre no mais alto dos pedestais. Um exemplo típico é do Bispo Emérito da diocese de Frederico Westphalen, Dom Bruno Maldaner, que diz:

Em todas as páginas que escreveram a história desta cidade e desta região: na religião, na educação, na cultura, na política, na indústria, no comércio, na agricultura, no esporte, nos meios de comunicação, notamos a presença marcante deste homem e deste

---

<sup>3</sup> Usamos este nome para designar o território da antiga paróquia, criada em 1933, sendo que hoje está desmembrada em nove municípios (Frederico Westphalen - sede, Iraí, Seberi, Palmitinho, Vicente Dutra, Caiçara, Pinheirinho, Vista Alegre e Taquaruçu do Sul).

<sup>4</sup> Alguns dados biográficos de Mons. Vítor Battistella: Nasceu em Tapera em 1905; Ordenado em São Leopoldo em 1930; 1932 - Primeiro pároco de Barril: hoje 9 municípios - Frederico Westphalen - sede, Iraí, Seberi, Palmitinho, Vicente Dutra, Caiçara, Pinheirinho, Taquaruçu do Sul e Vista Alegre. Faleceu em Santa Maria em 1973, após 40 anos de apostolado em Frederico Westphalen. *Algumas realizações que Mons. Vítor liderou*: 1946 - Colégio N. Sra. Auxiliadora; 1948 - Pré-Seminário; 1951 - Hospital Divina Providência; 1951 - União de Agricultores e Criadores; 1954 - Criação do Município de F. Westphalen; 1956 - Nomeado Monsenhor, pelo Papa Pio XII; 1957 - Inauguração da Rádio Luz e Alegria; 1960 - Inauguração da igreja Catedral; 1961 - Criação da Diocese. Em 1962 renuncia ao cargo de pároco inamovível.

sacerdote, que se fez tudo para todos, a fim de levar todos a Deus pelos caminhos do bem, da verdade, da justiça e do amor.<sup>5</sup>

Do mesmo modo, é recorrente a imagem do religioso que age nas mais diferentes áreas da atividade humana, polivalente. Como esta, mais antiga, de um jornalista do lugar:

Com toda razão pode dizer-se que foi um padre-caudilho ou padre-literato, um padre-mito. Padre Vítor Battistella desafiava as agruras do tempo com denodo e galhardia, tendo brandido apenas com igual valia as funções sacerdotais.<sup>6</sup>

De nossa parte, afóra os depoimentos testemunhais, controversos, fragmentados e parciais - para não dizer passionais - , o único contato indireto com Pe. Vítor tinha sido através de sua obra histórica e autobiográfica *Painéis do Passado* - editada em 1969. Se, por um lado, íamos lentamente nos enfronhando da vida daquele homem, conhecendo suas facetas múltiplas, ao mesmo tempo que traziam luzes para explicar os paradoxos, traziam mais dúvidas, problemas, inquietações. Posteriormente, como sabíamos pelo seu *Testamento*, tivemos acesso à farta documentação sobre sua vida que deixava para a posteridade:

Para testemunho da história conservo em meu arquivo abundante documentação de cada episódio que emprestou dramaticidade à minha vida. São documentos autênticos, falam por si e podem ser consultados por quem desejar esclarecer dúvidas, retificar julgamentos e inteirar-se da verdade.<sup>7</sup>

Apesar desse acervo e dos estudos na filosofia e teologia, que trouxeram alguma luz, perdurava a questão crucial das visões ambíguas e contraditórias em torno da pessoa e da ação do Monsenhor.

---

<sup>5</sup> Elogio fúnebre, que proferiu no enterro de Mons. Battistella, em F. Westphalen, 17 de maio de 1973. Original, com o autor.

<sup>6</sup> *A Voz do Povo*, "Editorial". Frederico Westphalen, 14.05.1983, p. 6.

<sup>7</sup> Mons. Vitor Battistella. *Testamento Espiritual*, 1966.

Da mesma forma que nos depoimentos, a presença de Mons. Vítor na historiografia regional, elaborada por historiadores, acadêmicos e diletantes, se apresentava de forma dispar, para não dizer oposta. Passamos em revista algumas dessas publicações, porquanto revelam aspectos essenciais para compreender as diferentes interpretações existentes a respeito do primeiro pároco de Barril.

A primeira apreciação sobre Mons. Vítor foi da parte de um colega sacerdote e historiador eclesiástico, Pe. Arlindo Rubert, que escreveu, em 1972, uma história da Diocese de Frederico Westphalen, na passagem de seu 10º aniversário<sup>8</sup>. O autor, dentro de sua percepção triunfalista da Igreja, que vê a instituição católica como precursora e orientadora de uma civilização cristã, humanitária, que leva seus benefícios a toda sociedade civil, transfere essa mesma imagem a Mons. Vítor: possuidor de tino administrativo e zelo apostólico, as vicissitudes dos primeiros tempos, frisa-o como fundador, animador e organizador de comunidades religiosas. Citando as suas iniciativas de toda ordem, enfatiza que o primeiro pároco de Barril não foi apenas um animador da vida espiritual, mas promoveu seus paroquianos também materialmente. E justifica tal procedimento: *a Igreja, incarnada no tempo e inserida na história, deve, concretamente, se interessar pelo bem do homem e de todos os homens*<sup>9</sup>.

Pe. Rubert bem notara - e daí sua justificativa - a faceta um tanto peculiar e incomum do Monsenhor, qual seja, a de sua presença à frente de iniciativas sociais e materiais, ocupando espaços e órbitas que, em geral, eram competências do poder público ou da iniciativa privada.

Os textos de Rubert sobre o Pe. Battistella passaram década e meia sem acréscimos, até que o professor e empresário Lírio Zanchet voltou a referir-se ao sacerdote, agora na passagem dos 25 anos da diocese.<sup>9</sup> Zanchet - que cursou Filosofia em seminário -, em seu artigo

---

<sup>8</sup> RUBERT, Arlindo. *A Diocese de Frederico Westphalen*. Canoas: La Salle, 1972. Antes disso, com Mons. Vítor em vida, Rubert já tecera considerações, elogiando seu dinamismo e elencando suas principais obras, sobressaindo a nova igreja em construção. Cf. RUBERT, Arlindo. *A Diocese de Santa Maria*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1957.

<sup>9</sup> ZANCHET, Lírio. "A igreja que já nasceu catedral". *Jubileu Diocesano*. Frederico Westphalen: Litoarte Marin, 1987, p. 20 e s. Nesta publicação, da qual participamos, fizemos constar os dados sobre Mons. Vítor: "Mons. Vítor Battistella: o pai de Frederico Westphalen", p. 18.

sobre a igreja-catedral, mostra-se alinhado à mesma percepção triunfalista do autor anterior e enaltece a obra:

templo formoso que causa estupefação aos observadores e orgulho aos colaboradores da construção. O monumento cristão jogou ao céu a fé religiosa do povo, como acontecia na Idade Média, quando as catedrais testemunhavam a reverência e culto ao Deus do universo.

As entrelinhas estão pontificadas de elogios às virtudes ao protagonista deste estudo. Mas Zanchet não foge da realidade e explicita uma questão que estava latente em parte da população e que, à boca-pequena, era alvo de críticas: a questão dos custos e dos verdadeiros pagadores da imponente construção. Explicando como seu idealizador conseguira os recursos, entende que Mons. Battistella, além de seus dotes psicológicos de persuasão e sua liderança incontestada, usava a artimanha de incentivar o capital, estimular o desenvolvimento, e no dia da coleta, como autêntico Átila caído do céu, arrebanhava bois, galinhas, ensacava toneladas de cereais. O articulista defende tal procedimento, afirmando que o doador sentia-se feliz, e que as gerações transmitiram que “não faltava pão na família que dava trigo para o altar”.

No rastro deste debate, e no contra-ponto de Zanchet, em 1992, saiu à lume uma publicação de origem acadêmica, questionando e fazendo críticas em torno da pessoa do religioso e seus meios empregados na construção da igreja-catedral.<sup>10</sup> A Prof<sup>a</sup> Elenice Szatkoski, assumindo uma corrente historiográfica mais crítica, afasta-se do modelo tradicional de tratar o tema, pretendendo dar um enfoque novo, revelar facetas e aspectos obscuros, “secretos”, proibidos da pessoa do sacerdote. Paradigmática é a citação, como epígrafe do livro, do poema de Bertold Brecht: *Tebas das Sete Portas, Quem a construiu? Nos livros figuram os nomes dos reis. Foram os reis que arrastaram os grandes blocos de pedras?...*”. Visava enfocar a construção do templo, mostrando quais

---

<sup>10</sup> SZATKOSKI, Elenice. *A construção da catedral de Frederico Westphalen*. Monografia de licenciatura de História. UNIJUÍ, 1992. Publicado em 1994, com o mesmo título. Frederico Westphalen: Litoarte Marin.

foram os seus verdadeiros obreiros. Também “enfocar os argumentos e estratégias que Monsenhor Vítor Battistella usou para conquistar a confiança do povo, fazendo com que este colaborasse na construção da sua grande obra”. Objetivava, outrossim, resgatar “o papel da Igreja que historicamente esteve atrelada ao poder político dominante e que, detentora do conhecimento, direcionou a sua prática para a formação de um cristianismo mais voltado para o acúmulo de bens materiais do que espirituais”.<sup>11</sup>

*A autora tem consciência de que o tema é “sério e polêmico, que há décadas é discutido em Frederico Westphalen, com certo receio por parte da população em comentar os fatos negativos da ação de Monsenhor na comunidade”.<sup>12</sup> Após relacionar Mons. Battistella com o Padre Cícero, afirma que em “Frederico Westphalen, Monsenhor Vítor Battistella, ficou conhecido como ‘padre caudilho’, pois atuava sempre com ‘vistas aos interesses vitais da religião e do povo’”, argumenta. Para Elenice, “tanto padre Cícero como Monsenhor Vítor Battistella defenderam seus próprios interesses”.*

E sentencia: “Mons. Vítor não teria feito absolutamente nada, sem o aval, a colaboração braçal do povo e a ajuda financeira pública que vinha ‘mascarada’ através de sociedades civis (UNAC, Aliança Santo Antônio, Hospital Divina Providência)”. Acrescenta que duas obras secundárias, em termos de tamanho, foram contestadas: o “hospital municipal que o povo construiu em 1951”, e que foi vendido pela Sociedade Beneficente Divina Providência, para pagamento de dívida proveniente da compra de terrenos na Praia Santa Marta. A outra obra questionada pela autora, também “construída pelo povo”, foi a Escola Nossa Senhora Auxiliadora, que teria sido “entregue às Irmãs do Imaculado Coração de Maria para que atendessem para sempre à educação e à instrução dos filhos do povo”.<sup>13</sup>

Quando - prossegue - ocorriam pragas nas lavouras, pestes em animais, temporais, doença ou morte, o Padre

---

<sup>11</sup> Idem, Introdução, p. 12.

<sup>12</sup> Idem, p. 6.

<sup>13</sup> Idem, p. 45.

culpava as atitudes dos fiéis e afirmava que era a ira de Deus sobre o povo pela má conduta dos mesmos, quando estes não o atendiam como desejava”. Fazia, no púlpito, o acerto e a cobrança das doações, deixando, muitas vezes, alguns camponeses orgulhosos e outros constrangidos, pois citava o nome e o tipo da contribuição que recebia.

Ficam patentes, pois, as visões, e antagônicas, pelo menos divergentes entre os três comentários<sup>14</sup>.

Sem pretensão de uma crítica apurada de polemizar com os trabalhos acima, mas apenas para dar racionalidade a essas incongruências e potencializar sua superação, queremos sinalizar algumas questões de ordem metodológica na área da historiografia, mormente no gênero biográfico:

**1** - A necessidade de situar os comentaristas, ou seja, a situação e/ou posição em que se encontra o narrador em relação ao objeto, no caso a pessoa do Mons. Battistella – em relação à ideologia, política, experiências frente a eventuais casos com o próprio narrador, seus parentes, seus conhecidos... Até onde é possível uma “neutralidade científica” em se tratando de pessoas com quem há uma ligação efetiva e afetiva? Vale dizer *Cada ponto-de-vista é a vista-de-um ponto*.

**2** - A questão das fontes: as contradições entre as informações podem ser fruto da escassa documentação consultada; ou de depoimentos insuficientes, previamente selecionados para atender às pretensões do historiador. Quanto à documentação conservada propositadamente pelo próprio personagem em apreço, exige uma adequada hermenêutica. Ademais, exige um lançar mão em outras fontes heurísticas, para não ficar preso a documentos de origem unilateral. Para tanto, impõe-se contrabalançar com outras fontes, sobretudo orais, da parte de seus opositores e defensores, além de outros arquivos.

**3** - Necessidade de uma contextualização do personagem em foco, analisando sua formação, a origem da(s) mentalidade(s) do protagonista,

---

<sup>14</sup> Reduzimo-nos apenas a essas, mas vale a pena cotejar as outras publicações citadas na bibliografia.

evitando de apenas pinçar aspectos e ações deslocadas do contexto ou isoladas do todo.

4 - Deve-se desvendar as relações que o indivíduo travou com seu meio social em determinado tempo. Com efeito, a comunidade é o contraponto do líder, que é aceito, ou suportado. Esta conclusão tão elementar se reveste de fundamental importância, porque entendemos que não basta focar unicamente a pessoa do líder como se de per si pudesse explicar os fatos; na nossa opinião, é necessário ver o outro lado, o grupo que permite ou que forja o líder, o herói, o mito. Bem como é imprescindível analisar as inter-relações entre os dois elementos, perscrutando os mecanismos de articulação, sobretudo das mentalidades e condições presentes, que permitiam o mando e a submissão entre o líder e os liderados.

5 - Enfim, mas não esgotando o tema, entendemos como mais adequado em estudos biográficos um método que procure uma síntese entre todas as dimensões do indivíduo histórico, uma complementando outra, integral e integradora, holística, portanto. Sem desmerecer nenhum aspecto (psicológico, estrutural, fatural...), pois, talvez, no detalhe, no aparentemente secundário e acessório estejam essências da compreensão do todo; a falta de uma só peça, por mais pequena que seja, compromete o conjunto, a totalidade. Partindo, pois, do pressuposto de que o homem é uma complexidade, polifacetado, no qual interagem o indivíduo (pessoa), o meio (família, igreja, grupos sociais...) e as inter-relações contextualizadas num tempo e num espaço determinados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VOZ DO POVO. "Editorial". Frederico Westphalen, 14.05.1983.

BATTISTELLA, Mons. Vitor. **Testamento Espiritual**. 1966.

GRASSI, Fiorindo David. **Os maragatos e o Médio Alto-Uruguai no Sul do Brasil**. Frederico Westphalen: URI, 1997

\_\_\_\_\_. **A montaria de Jesus Cristo**. Frederico Westphalen: URI, 1998

\_\_\_\_\_. **A Vila Faguense:** reflexões sobre este e outros pólos turísticos de Frederico Westphalen. Frederico Westphalen: URI, 2000.

MALDANER, Dom Bruno. **Elogio fúnebre**, que proferiu no enterro de Mons. Battistella, em F. Westphalen, 17 de maio de 1973. Original.

RIZZATTI, Mary Elizabeth Cerutti. **Aspectos significativos da história de Frederico Westphalen**. Frederico Westphalen: Ed. Marin, 1996.

RUBERT, Arlindo. **A Diocese de Frederico Westphalen**. Canoas: La Salle, 1972.

RUBERT, Arlindo. **A Diocese de Santa Maria**. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1957.

SPONCHIADO, Breno Antonio. **Mons. Vítor Battistella na história de “Barril”**. Passo Fundo: Berthier, 1989.

SPONCHIADO, Breno Antonio. **Mons. Vítor Battistella: padre e caudilho**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em dezembro de 2003, sob a orientação da Prof. René Ernaini Gertz.

SZATKOSKI, Elenice. **A construção da catedral de Frederico Westphalen**. Frederico Westphalen: Litoarte Marin, 1994

ZANCHET, Lírio. **A igreja que já nasceu catedral**. Jubileu Diocesano. Frederico Westphalen: Litoarte Marin, 1987.

**Recebido em dezembro de 2004**  
**Aprovado em fevereiro de 2005**